

Acompanhamentos funerários como marcadores culturais do Sítio Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus – PE

Funeral accompaniments as cultural markers of the Furna do Estrago Site, Brejo da Madre de Deus – PE

Viviane Maria Cavalcanti Castro¹

RESUMO: Cada sociedade dirige seus rituais funerários ou acomoda-se a eles de acordo com os elementos de seu universo mítico e social. A preocupação humana em proteger ou preservar seus mortos, leva à transmissão e perpetuação das práticas funerárias através de gerações. O estudo dos enterramentos pré-históricos necessita ir além da descrição da cova e do esqueleto atingir o corpo social, para isso o estudo dos marcadores culturais individuais e/ou coletivo de grupos humanos através dos acompanhamentos funerários pode ser uma importante e sólida ferramenta. Essa pesquisa teve como objetivo a identificação dos acompanhamentos funerários, no contexto das práticas funerárias, do sítio Furna do Estrago. Para tanto foi utilizado a abordagem teórico-metodológica da Arqueologia da morte. Os acompanhamentos funerários foram analisados através de seus próprios constituintes, em perspectivas técnica, morfológica e funcional relacionados a dados biológicos de sexo e idade. As discussões dos dados e os resultados confirmam a hipótese levantada de que as sepulturas que comportam acompanhamentos funerários são constituídas por elementos de representação coletiva em sua maioria.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas funerárias. Acompanhamento funerário. Marcadores culturais.

¹ Departamento de Arqueologia Centro de Filosofia e Ciências Humanas- UFPE vivianemcc@gmail.com



ABSTRACT: The Society directs its funerary rituals or accommodate to them in accordance with the elements of its mythical and social universe. Human concern to protect or preserve their dead, leads to transmission and perpetuation of funerary practices through generations. The study of prehistoric burials needs to go beyond the grave description and the skeleton reaches the social body so that the study of individual cultural markers and/or collective human groups through the funeral accompaniments can be an important and solid tool. This research aimed to identify the trousseau funeral, in the context of funerary practices, the Furna do Estrago site. For this we used the theoretical and methodological approach of Archaeology of death. The trousseau funerals were analyzed by their own constituents in technical perspectives, morphological and functional related to biological data of sex and age. Discussions of data and the results confirm the hypothesis that the graves that hold trousseau funeral consist of elements of collective representation mostly.

KEYWORDS: Funerary practices. Trousseau funeral. Cultural markers

Introdução

O universo funerário vem sendo estudado por diversas ciências preocupadas com o repertório cultural de grupos humanos, como a História, a Etnologia e a Arqueologia, e seus estudos vêm demonstrando que os mortos foram e são objetos de preocupação nas mais variadas sociedades e culturas, mesmo em cronologias bastante recuadas. Desde o Pleistoceno Superior, sepultamentos elaborados com a presença de elementos da cultura material junto aos esqueletos, desde adornos até ferramentas, faz supor que, para além da preocupação com o corpo (proteção), poderia existir no contexto funerário traços de representação inerentes ao grupo. Este estudo centrou-se nos acompanhamentos funeráriosⁱ dispensados aos sepultamentos evidenciados no sítio Furna do Estrago. Neste sítio, as escavações realizadas entre as décadas de 1980 e 1990ⁱⁱ, revelaram a presença de 87 sepultamentos.

A coleção arqueológica da Furna do Estrago já originou diversas pesquisas, desde o início das escavações, e as condições de preservação deste sítio permitiram indiciar vários temas de pesquisa, como estudos sobre a fauna associada aos sepultamentos: Lima (1992), Queiroz (1994) e Santos (2006); estudo dos remanescentes vegetais: Menezes (2006); estudo paleoambientais, sobretudo, dos processos deposicionais do sítio com Canto (2008).



Sob a ótica da Arqueologia Funerária e da Bioarqueologia, podem ser citados: Carvalho (1992,1995); Mello e Alvim; Mendonça de Souza (1983, 1984); Mendonça de Souza; Mello e Alvim (1992); Mendonça de Souza (1992, 1995); Rodrigues (1997); Carvalho; Queiroz; Moraes (2007); Duarte (1994); Lima (1985, 2001). Essas pesquisas possibilitaram a identificação de padrões de sepultamentos, relevantes para a fase de ocupação do sítio como cemitério e auxiliaram na compreensão da disposição dos sepultamentos.

Essa pesquisa tem como objetivo identificar nos acompanhamentos funerários os marcadores culturais individuais e/ou coletivo de grupos humanos que utilizaram a Furna do Estrago como local para suas práticas funerárias.

A prática Funerária

A morte não anuncia a desintegração imediata do corpo, e sim, o início de um processo lento de decomposição do material orgânico. Para Morin (1997), o horror diante da desfiguração, o odor fétido, poderia ter levado os primeiros grupos humanos a procurarem um destino para o fardo. Contudo, isso não explica o cuidado e a atenção com os acompanhamentos de objetos junto ao corpo e as ornamentações das sepulturas. Estas elaborações podem ter surgido de crenças ou construções míticas em torno da própria morte.

O destino do corpo é dado de diferentes formas, de acordo com o grupo em que se está inserido, cujas variáveis, segundo cada grupo cultural, ocorrerão de acordo com o sexo e/ou idade do indivíduo, o *status* que ele exerce dentro do grupo, assim como o modo ou razão da morte.

O heroísmo guerreiro, observado em muitos grupos indígenas, não só dá acesso a uma vida desejável além-túmulo, como possibilita ao indivíduo honrarias na sepultura demonstradas através de objetos e adornos. Assim, as práticas funerárias vêm representar em parte, as relações sociais existentes nos grupos, justificadas segundo suas crenças e tradições.

O estudo da morte pode ser analisado além de suas práticas, como um fenômeno social relacionado a outros ritos. Gennep (1960) considera as práticas funerárias como ritos de passagem. Esses ritosⁱⁱⁱ em torno da morte desenvolvem-se em três fases: *rito de separação*, quando o indivíduo morre, não pertencendo mais ao mundo dos vivos; *rito de transição*,



quando ocorre o sepultamento para que seu corpo fique salvaguardado e ele encontre o caminho dos mortos e *rito de incorporação*, quando este é integrado novamente ao mundo dos vivos em espírito.

As práticas funerárias expressam desta maneira um comportamento social e ideológico. A morte é vista como um evento social, o ponto de partida de um processo cerimonial, pelo meio do qual a pessoa morta torna-se um antepassado, e, poderá ou não, dependendo de um ritual necessário, continuar a existir em outro lugar não visível. Assim seus objetos e adornos

Os sepultamentos são fontes de informações para o entendimento das sociedades humanas. O'Shea (1984) enumerou os atributos que contribuem no reconhecimento e organização deste estudo, a partir variabilidade existente entre os vestígios funerários, são: os aspectos biológicos, a preparação e tratamento do corpo, o sepultamento propriamente dito, o acompanhamentos funerários, os aspectos locacionais e os aspectos ambientais. A compilação desses dados nos remete as práticas deliberadas no momento da morte.

A fonte de informações para as práticas funerárias e que reiteram sobre os aspectos citados por O'Shea (1984) se refletem na relação da tríade componencial, composta por corpo, cova e acompanhamentos funerários. A relação entre esses resquícios biológicos e culturais conjuntamente aos aspectos espaciais nos permite uma reconstituição dos eventos pertinentes à realidade da morte e a execução dos ritos funerários. Sob esta abordagem é perceptível traços do processo de preparação do corpo, que retomam ao momento do ritual.

As representações materializadas no contexto funerário recaem sobre diversos aspectos, podendo influir sobre gênero, status social, sexo, religião, profissão. Destacam-se os acompanhamentos funerários, que acompanham o corpo do indivíduo e conotam uma relação com o mesmo, seja individual, seja coletiva, lembrando marcadores culturais relativos ao grupo ao qual o indivíduo estava inserido.

Os Acompanhamentos Funerários

Considera-se como acompanhamentos funerários todos os objetos que acompanham os remanescentes ósseos, os adornos (pingentes, contas de colar, tembetás), instrumentos musicais, tacapes, arcos, materiais cerâmicos e/ou líticos dispostos nos sepultamentos,



materiais faunísticos, artefatos como esteiras, cordéis e fibras trançadas, geralmente associadas como um envoltório.

Os acompanhamentos funerários devem ser analisados diante de uma perspectiva contextual que leve em consideração o processo de deposição funerária, incorporando os aspectos biológicos e culturais, que propiciem inferências acerca das funções desses objetos, que podem ser de naturezas múltiplas.

O potencial informativo dos acompanhamentos funerários são certificados por prover uma série de dados, podendo possuir múltiplas funções, sendo de efeito ornamental, meramente decorativo ou indicando de status social, diferenciação de gênero, como afirma Silva (2005):

Os acompanhamentos fornecem dados sobre seu uso como objeto ritual funerário, de uso cotidiano ou adornos; procedência, indicando as áreas de captação de matéria-prima; sobre a caracterização tecnológica do grupo; sobre sua frequência em relação ao sexo, idade e posição social, bem como inferem situações de contato culturais e possíveis formas de subsistência baseadas nas atividades de caça, coleta, pesca e/ou horticultura (SILVA, 2005, p. 115).

A confecção dos objetos presentes no contexto funerário pode ser guiada diante de duas possibilidades: primeiro de que foram utilizados pelo grupo em questão, são produtos de um uso cotidiano, utilizados e ativos na vida do indivíduo ou do grupo, e sob esta perspectiva demonstram a identidade cultural dos indivíduos que constituem o mesmo (AZEVEDO NETTO, 2010), por isso a relevância de estudar essa associação enquanto objeto/indivíduo, neste contexto sepulcral, sobretudo no contexto de ritual, visando compreender a prática cultural do grupo; como também, sob a perspectiva de que, tais objetos podem ter sido confeccionados, exclusivamente, para o contexto ritual, obtendo um significado meramente simbólico, mítico. Neste último caso as peças produzidas especificamente para acompanhar o corpo do indivíduo não apresentam marcas de uso, são contemporâneas à deposição (RIBEIRO, 2007; SILVA 2005).

Examinar o contexto de confecção dos objetos pode influir sim sobre o ritual funerário, porém o fato de não existir marcas de uso em um artefato não atesta a convicção de se tratar de um objeto meramente elaborado para contexto ritual, visto que um objeto com funções meramente decorativas e /ou para realizações de rituais em um grupo não exibirão tantas marcas (ou nenhuma) de uso em sua superfície, sendo assim um dado muito subjetivo. É interessante compreender o papel e a significação dos acompanhamentos funerários no contexto funerário, não se detendo ao contexto de confecção do objeto.

Quanto ao estudo dos acompanhamentos funerários variáveis como: variedade, quantidade, qualidade, material e disposição podem nos remeter ao ritual funerário e introduzir a uma rede de significados.

Comumente os estudos desenvolvidos sobre práticas funerárias no nordeste brasileiro (CISNEIROS, 2003; SILVA, 2007; MARTIN, 2008; CASTRO, 2009) não focam diretamente nos acompanhamentos funerários, discorrem apenas de associações destes com contexto funerário, sem, no entanto discorrer o papel e a função destes elementos no contexto funerário.

Dentre as pesquisas desenvolvidas encontra-se o trabalho com fibras trançadas como indicador de traços culturais em sepultamentos indígenas, desenvolvido por Gomes (2012); sob a perspectiva da zooarqueologia, Cardoso (2011) analisou os adornos que utilizam como matéria-prima o material faunístico presente em contexto funerário (analisou a representação simbólica, sobretudo do uso da fauna associada ao sepultamento); a análise dos adornos intrinsecamente ligada à faixa etária, sexo, implícitas no contexto funerário como proposto por Silva (2010) e Cruz (2012). Neste âmbito também Silva *et all* (2014) utilizaram o termo “Arqueologia dos Adornos” retratando para tal estudo uma abordagem técnica que analise a cadeia operatória dos mesmos.

As categorias de análise discorrem assim sobre a matéria-prima, o tipo, a forma, as dimensões, o tratamento dado ao objeto, à decoração e coloração. Ao abordar a ideia do acompanhamento funerário enquanto indicador cultural estas categorias nos permite identificar os elementos constituintes desses objetos, que estão associados ao indivíduo, fazendo referência à identidade cultural do mesmo. Este trabalho aborda os acompanhamentos funerários enquanto marcadores culturais que remetem a uma representação coletiva do grupo humano que o produziu.

Aportes metodológicos

Este trabalho buscou observar recorrências entre os acompanhamentos funerários dispensados aos sepultamentos do sítio Furna do Estrago. A identificação de recorrências exigiu uma metodologia sistemática, com aplicação das mesmas variáveis a todos os sepultamentos, de modo que fosse possível distinguir os acompanhamentos funerários em relação ao indivíduo. Este estudo optou por aplicar uma metodologia que combinasse o



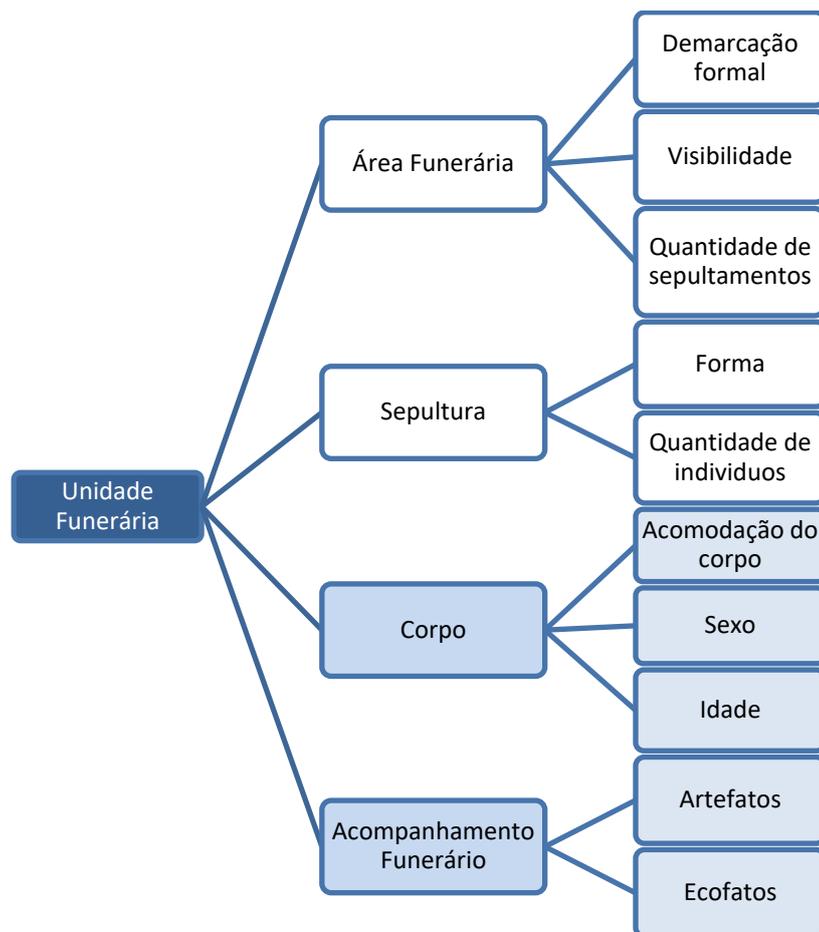
modo como os vestígios arqueológicos têm sido abordados no nordeste aos aportes metodológicos comumente empregados no estudo das práticas funerárias pré-históricas.

O modelo metodológico desenvolvido e aplicado nesta pesquisa foi concebido sob um viés sistêmico, onde os fenômenos relacionados aos sepultamentos são observados a partir de variáveis pré-estabelecidas, que permitem ordená-los hierarquicamente e relacioná-los entre si e entre todos os sepultamentos estudados.

Neste estudo, foram pontuadas duas possibilidades de acompanhamentos: os artefatos (adornos e objetos) e os ecofatos. Enquanto os primeiros correspondem aos artefatos propriamente ditos, como contas de cestarias, tacapes, adornos; os segundos referem-se aqueles materiais que foram manipulados, mas não alterados pelo homem, como por exemplo, folhas, pedras, acumulados junto do cadáver.

De modo a aplicar os aportes metodológicos supracitados e propiciar um aproveitamento potencial dos dados fúnebres, este trabalho direcionou suas investigações a três fontes de consulta: fontes primárias diretas (esqueletos, artefatos e ecofatos); fontes primárias indiretas (documentos produzidos durante os trabalhos de escavação: cadernos e fichas de campo, relatórios, croquis, desenhos técnicos, fotografias e planilhas topográficas) e fontes secundárias.





A análise dos acompanhamentos funerários foi realizada nos materiais localizados no acervo do laboratório e nos que estão em exposição no Museu de Arqueologia.

Para o auxílio das análises comparativas na categoria Corpo – Idade foram separados os indivíduos em classes de idades, considerando crianças e adolescentes como indivíduos subadultos, compreendendo uma faixa etária desde o nascimento até 18 anos; adultos jovens indivíduos de 19 a 35 anos; indivíduos adultos alcançando de 36 a 50 anos; a partir de 50 anos como idosos, e por fim, os indivíduos indeterminados, nos quais as condições do material osteológico não permitiram a sua identificação.

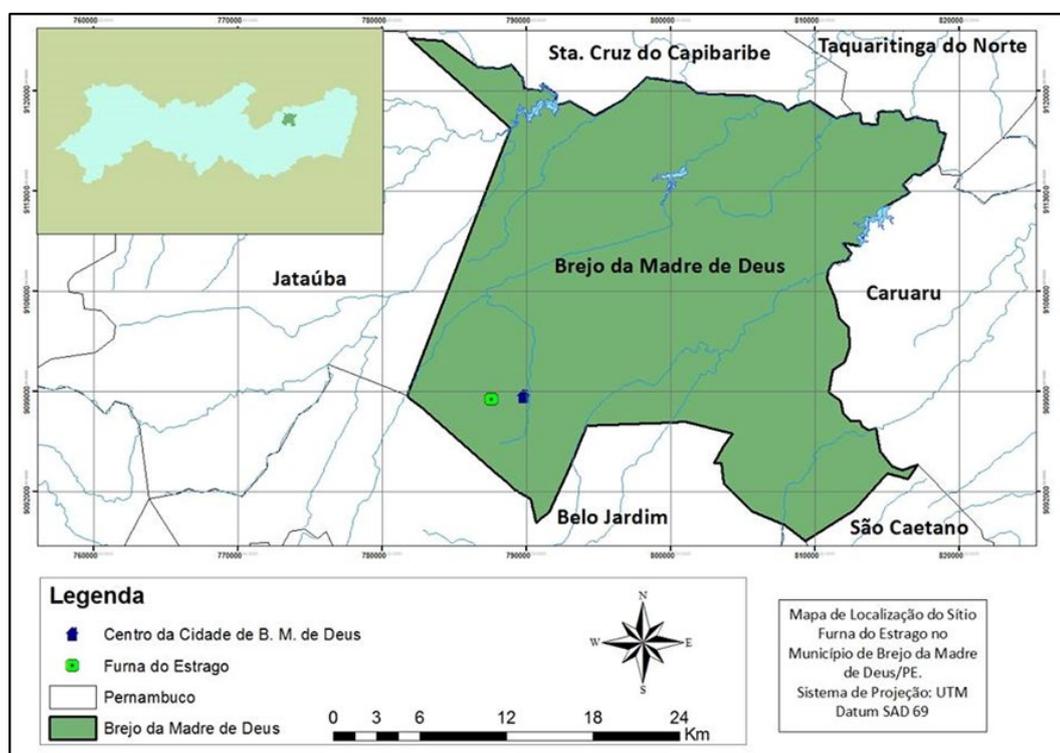
Como propõe o estudo dos acompanhamentos, desenvolveu-se integrando as duas principais variáveis – corpo e acompanhamento funerário, relacionando-as. Por isto, notificaram-se as variáveis biológicas nas categorias de sexo e idade.

Contexto Arqueológico da Furna do Estrago

Área Funerária

O sítio Furna do Estrago corresponde a um abrigo sob rocha localizado na meia encosta norte da Serra da Boa Vista, nas coordenadas UTM 787610E e 9098454N a uma altitude de 650 m no município de Brejo da Madre de Deus - PE (Figuras 1 e 2). O relevo faz parte do Maciço da Borborema com afloramentos de rocha cristalina nos pontos mais elevados e de matacões dispersos por todo cenário ambiental.

Figura 1: Mapa de Localização do Sítio Furna do Estrago.



Elaboração: Lucas Bonald

Figura 2: Vista do abrigo sob rocha onde se localiza o Sítio Furna do Estrago.



A Área Funerária do sítio é constituída por um único salão com 125 m² de área coberta. Tem de 19 m de comprimento com abertura voltada para nordeste, 4,80 m de altura e 8,80 m de profundidade.

Os 87 indivíduos exumados estavam concentrados e em alguns casos organizados em conjuntos, embora não foi possível identificar uma demarcação formal para todos os sepultamentos.

Os sepultamentos estavam superpostos entre os níveis arqueológicos 3 e 8. Lima (1995) estimou uma cronologia entre 1000 e 2000 anos, baseada nos vestígios das camadas 5 (8495 anos B.P.) e 2 (1040 anos B.P.) inferindo para o período duas ocupações de grupos que utilizaram o espaço como cemitério (denominadas pela autora de ocupação intermediária e ocupação recente) e outras duas (ocupação pleistocênica e ocupação antiga) relacionadas a grupos caçadores e coletores (Tabela 1).

Tabela 1: Datações dos vestígios do Sítio Furna do Estrago.

Datação C-14	Laboratório	Material datado
11060 ± 90 B.P.	Smithsonian Institution	Carvão a 130 cm
9150 ± 90 B.P.	Smithsonian Institution	Carvão corte 4 (entre 95 e 105 cm)
8495 ± 70 B.P.	Smithsonian Institution	Carvão corte 4 (entre 80 e 90 cm)
1860 ± 50 B.P.	Beta 145954	Esqueleto F-18
1730 ± 70 B.P.	Beta 149749	Esqueleto F-87.23
1610 ± 70 B.P.	Beta 145955	Esqueleto F-45
1040 ± 50 B.P.	Smithsonian Institution	Carvão corte 2 (entre 25 e 30 cm)

Fonte: (LIMA, 1985; 2001)

Sepultura

Apesar das perturbações decorrentes da reutilização do espaço do sítio para os sepultamentos, a maior parte deles estava em boas condições, o que facilitou a observação das fossas funerárias e dos esqueletos.

Os 87 indivíduos exumados estavam dispostos em covas circulares. Todos os sepultamentos da Furna são simples, abrigando apenas um indivíduo por sepultamento. As covas são circulares distribuídas desde os 30 cm até 1,40 m de profundidade. O sepultamento primário é um fator predominante para todas as idades, verificando apenas três sepultamentos secundários (um de idoso e dois de adultos) e sete “restos de ossos”, notificando também os sepultamentos indeterminados, provenientes da perturbação e que impossibilitam a identificação do tipo de sepultamento.

Corpo

Os sepultamentos foram caracterizados por sexo feminino e masculino e crianças e adultos, não havia um local específico distinguindo a questão do gênero e da faixa etária (Figuras 3 e 4).

Figura 3: Sítio Furna do Estrago. Sepultamentos FE 4 e FE 5. Indivíduos masculinos.



Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco.

Figura 4: Sítio Furna do Estrago. Sepultamentos FE 6 e FE 7, indivíduos femininos.



Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco.

Quanto à deposição do corpo verifica-se uma associação desta categoria com a idade, como um diferencial, os adultos e adolescentes sepultados em decúbito lateral, a lateralidade sendo indiferente, e a recorrência das crianças para decúbito dorsal.

Acompanhamento funerário

As boas condições de preservação dos vestígios ósseos (com a presença de matéria orgânica, em alguns há resquícios de cabelo e pele) permitiram também a conservação dos acompanhamentos funerários encontrados, composto de fibras vegetais, cordéis, adornos, pigmentação com ocre e dois tacapes, assim como a presença de possíveis instrumentos musicais, como apitos e flauta elaborada em material ósseo.

A datação absoluta dos esqueletos FE-18 (nível antigo), FE-87.23 (nível recente) e FE-45 (nível recente) remetem a uma utilização do sítio como cemitério por 250 anos e comprovam a hipótese de ocupação do cemitério há 2000 anos (CASTRO, 2009; LIMA, 2012). Quanto aos sepultamentos, há uma maior concentração destes no nível intermediário.

Resultados das Análises e Discussões

Para abordar os acompanhamentos funerários, enquanto marcadores culturais, torna-se essencial um estudo que remeta aos elementos dessa representação material, objetivando identificar os traços de representação coletiva, como também os individuais. Busca-se identificar as recorrências e as distinções dos acompanhamentos funerários entre os indivíduos sepultados e em relação às variáveis biológicas, para inferir sobre os marcadores representativos, notificando se há alguma relação entre ambos.

Foram agrupados os tipos de acompanhamentos funerários encontrados separando as categorias de adornos das outras, expondo separadamente. A apresentação dos dados é seguida por tipo de matéria prima empregada em sua confecção e morfologia. Depois desenvolvendo associações entre sexo, idade e tipo de acompanhamento funerário e matéria. Foram exumados do sítio Furna do Estrago 87 indivíduos, dos quais 74 são passíveis de análise, por dispor de material e informação suficientes, que são utilizados nas pesquisas já desenvolvidas na Furna (CASTRO, 2009; LIMA, 2001; LIMA, 2012;).

A tabela 2 demonstra a descrição de todos os elementos culturais constituintes destes sepultamentos, no tocante a acompanhamentos funerários, inclusive os da categoria adornos, como também as características biológicas dos sepultamentos.

Tabela 1 – Sítio Furna do Estrago, elementos descritivos.

Sepultamento	Sexo	Idade	Acompanhamentos Funerários
FE 2	Feminino	NI	Colar de contas de dentes de felinos; colar de contas de conchas;
FE 3	Feminino	24-25	Colar de contas ósseas;
FE 5	Masculino	40-47	Contas de amazonita; pingente em osso de cervídeo;
FE 7	Feminino	+ 40	Colar de contas ósseas; colar de conchas; pingentes de caramujo;
FE 8	Masculino	25-27	Colar de contas sementes de gindiroba (<i>Fevillea Trilobata</i>);
FE 10	Feminino	35 – 40	Fragmentos ósseos
FE 11	Masculino	45	Colar de contas ósseas; 1 flauta óssea;
FE 13	Masculino	+ 40	Fragmentos ósseos;
FE 15	Masculino	Adulto	Conta de amazonita, conta óssea;
FE 19	Feminino	30-35	Colar de contas sementes de gindiroba (<i>Fevillea Trilobata</i>);
FE 20	Feminino	25-30	Pingentes de silito argiloso;
FE 22	Masculino	+ 50	Colar de contas de conchas; pingente em osso de crânio de primata;
FE 24	Masculino	10	Colar de contas de osso delicadas;
FE 32	Feminino	24-26	Colar de contas ósseas
FE 34 ^a	Indeterminado	Recém Nascido	Contas de amazonita;
FE 36	Indeterminado	Recém Nascido	Contas de amazonita;
FE 39	Indeterminado	1	Colar de osso;
FE 40	Indeterminado	9 meses – 1 ano	Colar de osso;



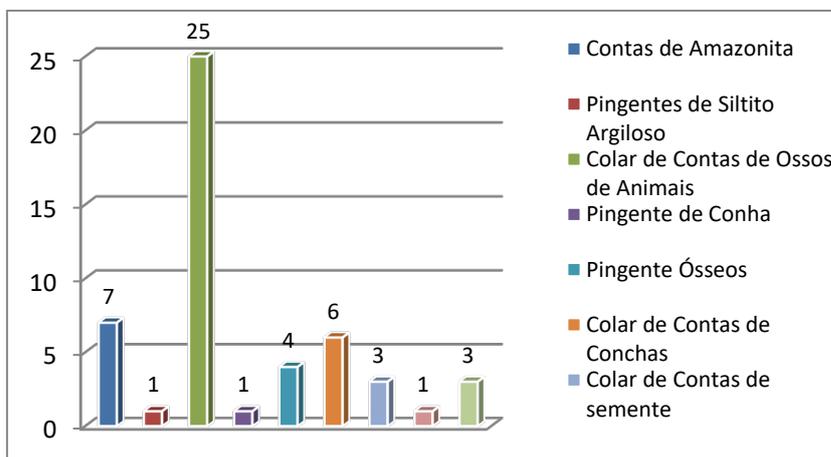
FE 42	o	Feminin	25 – 30	Colar contas de ossos de ave;
FE 45	no	Masculi	36-40	Tronco de árvore; tacape; colar de contas ósseas;
FE 47	no	Masculi	17-18	Colar de contas ósseas; fragmentos ósseos;
FE 51	no	Masculi	20-25	Pingente de clavícula humana; colar de contas ósseas;
FE 55		Indeterminado	5-6	Colar de contas ósseas;
FE 87.1	no	Masculi	Adulto	colar de contas ósseas
FE 87.2		Indeterminado	Recém Nascido	Colar de contas de concha (<i>Olivella nívea</i>)
FE 87.3		Indeterminado	4-5	Colar de contas ósseas
FE 87.5	o	Feminin	35-45	Colar de contas ósseas
FE 87.6	no	Masculi	30-35	Colar de contas ósseas; pingentes ósseos; fragmentos ósseos
FE 87.8	no	Masculi	Adulto	Colar de contas ósseas; colar de contas de sementes de pequi (<i>Caryocar coriaceum</i>);
FE 87.11	no	Masculi	30-35	Colar de contas ósseas; pingente ósseo
FE 87.12		Indeterminado	Adulto	Conta óssea
FE 87.13	no	Masculi	30-35	Colar de contas ósseas; contas de amazonita; colar de contas de conchas; dentes de animal
FE 87.14		Indeterminado	Criança	Conta óssea;
FE 87.16		Indeterminado	Adulto	Flauta óssea;
FE 87.18	no	Masculi	30-35	Contas de amazonita; colar de conta de conchas; colar de contas ósseas;
FE 87.21		Indeterminado	6	colar de contas de dentes de felino;
FE 87.23	no	Masculi	Adulto	Colar de contas ósseas

Nota-se que do total de indivíduos exumados do cemitério, 35 apresentavam acompanhamentos funerários da categoria adornos em suas sepulturas.



Foram encontrados adornos do tipo contas e pingentes, elaborados em matéria prima mineral, vegetal e animal. A relação da quantidade distribuída por sepultamento é demonstrada no gráfico 1.

Gráfico 1: Tipos de adornos evidenciados nos sepultamentos do Sítio Furna do Estrago

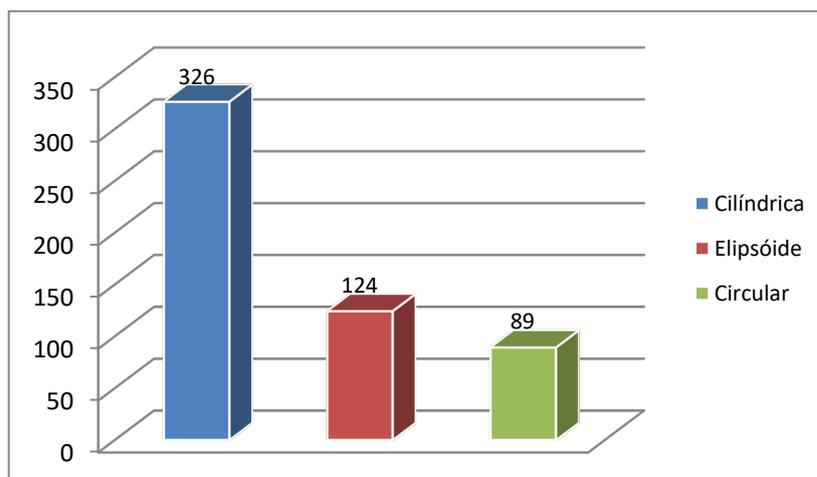


Quanto aos acompanhamentos funerários de tipo adornos existe uma diversidade quando ao tipo de matéria prima, com a predominância do colar de contas ósseas como elemento recorrente.

Os pingentes em siltito argiloso se destacam por serem únicos quanto ao tipo de matéria prima e por estarem associados a apenas um indivíduo, sendo assim características particulares ao sepultamento (FE 20). Constituem-se em 7 pingentes, e destes, 2 são diferentes por apresentar a ausência da perfuração em uma das extremidades do objeto, o que comumente se encontra para os adornos de tipo pingentes. Nestes casos os pingentes foram enlaçados ou amarrados por algum tipo de cordão no local marcado.

Quanto às contas, categorias mais recorrentes, a sua morfologia se divide em elipsoide, circular e cilíndrica. O fator recorrente para morfologia desta categoria são as contas cilíndricas, como expõe o gráfico 2.

Gráfico 2: Morfologia de adornos evidenciados nos sepultamentos do Sítio Furna do Estrago



Aparentemente não há uma correlação significativa entre as categorias de faixa etária e tipos de adornos (Gráfico 3), estão representados proporcionalmente entre as faixas etárias, de maneira que há uma distribuição dos elementos mais recorrentes entre os indivíduos subadulto, adulto jovem e adulto, como é o caso do colar de contas ósseas. Visualiza-se apenas que as classes que se destacam em quantidade e variedade desses acompanhamentos são os adultos jovens e os adultos, indicando uma atenção maior voltada a essas categorias de idade por parte do grupo.

Quanto ao idoso, não é notado a presença de elementos com recorrência, como o colar de contas ósseas. O diferencial para tal sepultamento, o FE 22 é a presença de um pingente produzido em osso de um crânio de primata.

A associação entre sexo e acompanhamentos demonstra (Gráfico 4) que o único indivíduo adulto jovem que apresentava os pingentes de silito argiloso pertence ao sexo feminino, enquanto que as contas de amazonita são pertencentes ao sexo masculino e aos indivíduos sem identificação quanto ao sexo (que são indivíduos subadultos, especificamente recém-nascidos).

Gráfico 3: Relação entre faixa etária e acompanhamentos funerários da categoria adornos, no sítio Furna do Estrago

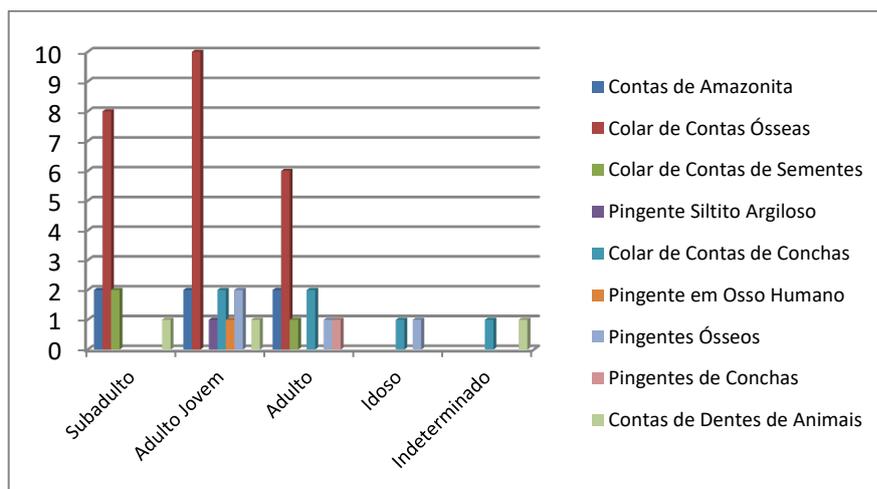
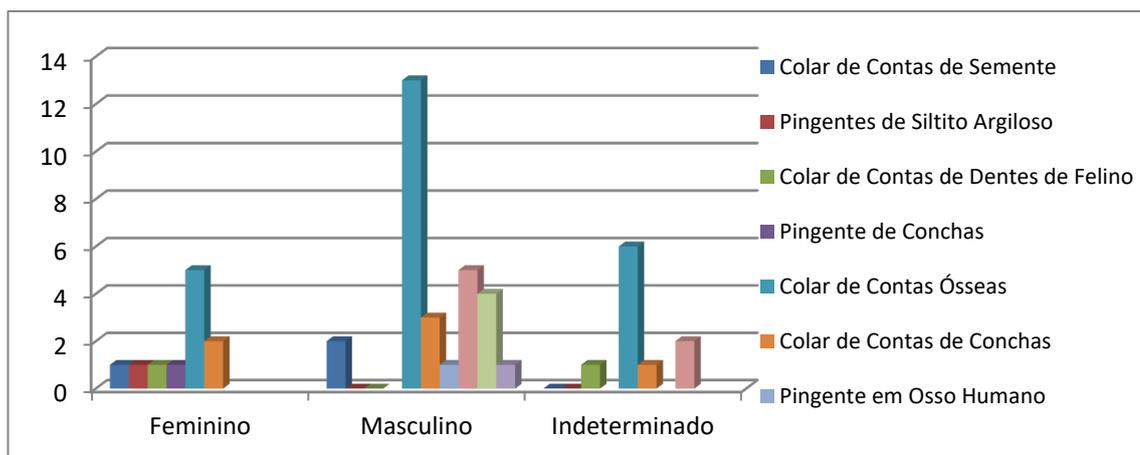


Gráfico 4: Relação entre sexo e acompanhamentos funerários da categoria adornos do sítio Furna do Estrago



Verificou-se o número expressivo de 105 contas de sementes pequi (*Caryocar coriaceum*), presentes no sepultamento FE 87.8.

As contas elaboradas em sementes de gindiroba (*Fevillea trilobata*) totalizam-se em 49, distribuídas em apenas dois sepultamentos: 25 contas presentes no FE8 (Figura 5) e 24 contas presentes no FE19. Atualmente apenas 22 contas permanecem existentes na coleção arqueológica, sendo todas provenientes do sepultamento FE 19, em exposição no Museu de Arqueologia.

Figura 5: Sepultamento FE 8, detalhe das contas produzidas em sementes de “gindiroba” (*Fevillea Trilobata*) utilizadas como adornos funerários. Sítio Furna do Estrago.



Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco.

Os colares de contas de semente, embora só evidenciados em três sepultamentos (FE 8, FE 19 e FE 87.8) são pertencentes a indivíduos do sexo masculino e feminino, não demarcando uma relação entre a escolha da matéria prima e o sexo.

Na correlação entre sexo e adornos percebe-se que o elemento de recorrência é o colar de contas ósseas, distribuído em todos os sexos, não havendo assim alguma distinção. No entanto, observou-se uma variedade de acompanhamentos associados aos homens, com tipos particulares aos mesmos, como os pingentes ósseos (Figura 6A) e as contas de amazonita.



A



B

Figura 6: A. Pingente ósseo produzido em osso de cervídeo proveniente do sepultamento FE5; B. Contas de dentes de felinos provenientes do sepultamento FE 2, Sítio Furna do Estrago.

As contas de animais, classificados como felinos (Figura 6B) remetem ao sexo feminino; contudo, a ausência de identificação de sexo no outro indivíduo que portava tal

Mneme. Revista de Humanidades. v. 22 n. 45 (Ago./Set. 2021)

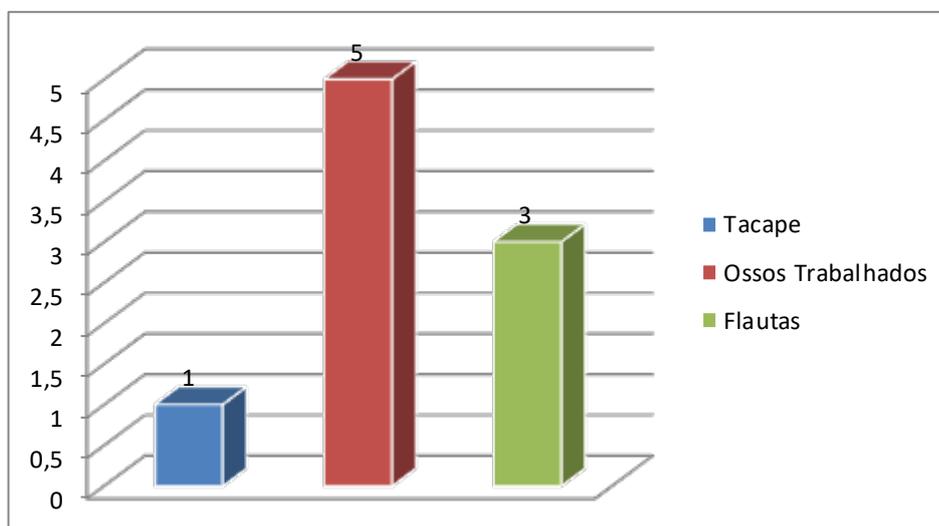
tipo de objeto nos impede de afirmar se tal ocorrência estava relacionada apenas aos indivíduos femininos.

As contas de colar ósseas apresentam-se como o elemento de recorrência de maneira que abrangem de maneira homogênea sem estarem associados a alguma categoria específica de faixa etária ou sexo. São recorrentes na morfologia cilíndrica. A funcionalidade atribuída aos adornos é possivelmente como ornamento.

As técnicas de confecção e tratamento dos adornos são uniformes. Segundo Silva *et al* (2014), essas técnicas consistem em ações promovidas no ato de elaboração e acabamento do objeto, que podem remeter a um estilo estético ou funcional. As ações comumente encontradas são os cortes, perfuração e polimento. As contas são marcadas por cortes, perfuração central e polimentos; os pingentes caracterizados por serem polidos em toda superfície, apresentando uma superfície brilhosa, e perfuração em apenas uma das extremidades.

Os outros tipos de acompanhamentos funerários encontrados podem estar relacionados a representações individuais, por serem bem específicos e só acompanharem 9 indivíduos. Estão dispostos no gráfico 5.

Gráfico 5: Acompanhamentos Funerários – objetos do sítio Furna do Estrago



No quesito fragmentos ósseos compõem tal categoria fragmentos de material ósseo em forma natural, com o polimento em toda sua superfície, mas sem perfuração. Nota-se a presença de elementos que sugerem particularidades, que não ocorrem em mais de um indivíduo, como o tacape.

Em relação ao tacape de madeira, Lima (2001) o conceitua como pedaço de madeira pesada com uma extremidade em maior volume, considerada uma arma oficial indígena, **Mneme. Revista de Humanidades. v. 22 n. 45 (Ago./Set. 2021)**

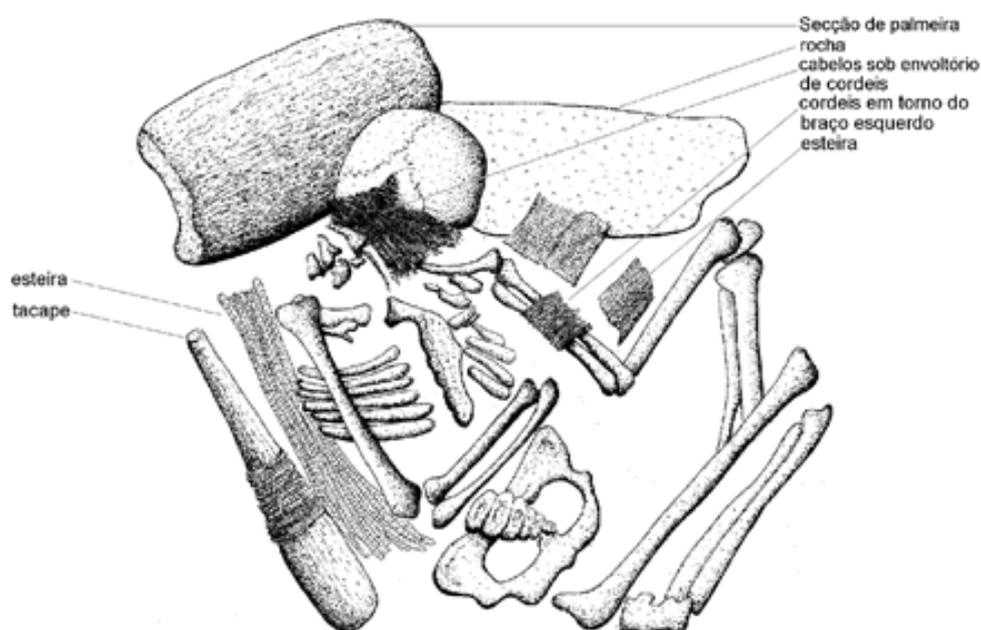


podendo ser utilizado para abater inimigos e também animais. A presença do tacape de madeira apenas no sepultamento FE 45 pode está associada às atividades praticadas pelo indivíduo perante o grupo, distinguindo-o dos outros indivíduos sepultados.

A relação entre faixa etária não nos remete a significativas inferências, pela pequena quantidade de indivíduos sepultados com esses tipos de acompanhamentos. Nota-se, no entanto que os fragmentos ósseos são homogêneos para todas as categorias de idade, indicando que pode estar relacionado ao desenvolvimento de atividades específicas a estes indivíduos.

O sepultamento FE 45 (Figura 7) caracteriza-se por ser um indivíduo adulto jovem, sexo masculino, integra um sepultamento com materiais específicos, com a presença de um tacape de madeira e um fragmento de tronco de árvore, sob o qual o crânio estava apoiado, como também elementos recorrentes, como o caso das contas ósseas.

Figura 7: Desenho representando o sepultamento FE 45. Seta superior indicando o tronco de árvore utilizado como apoio do crânio do indivíduo, e a seta inferior indicando a disposição do tacape no sepultamento.

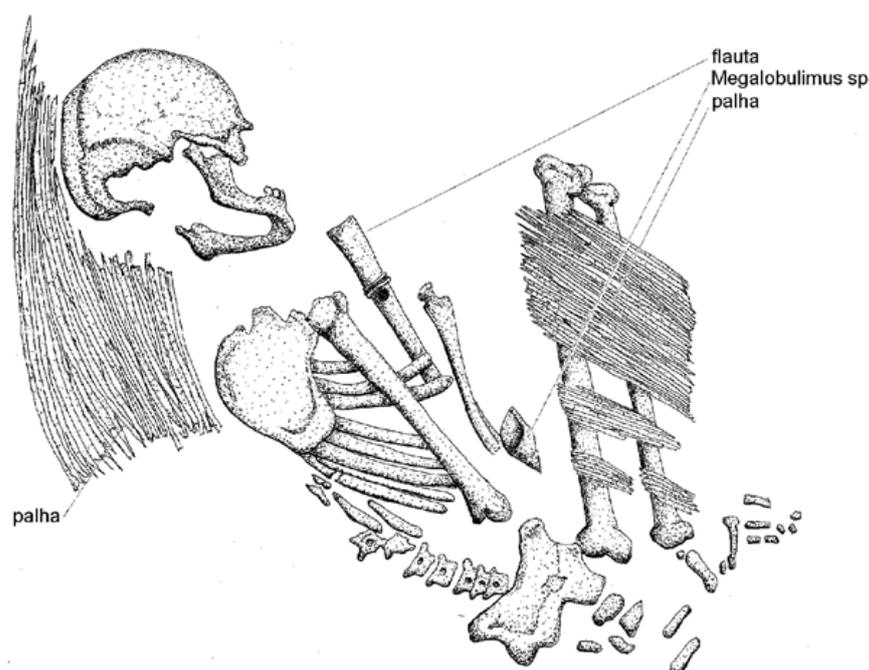


Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco.

Há recorrências de dois indivíduos com flautas ósseas, ambos adultos. Embora Lima (1985, 2001) só faz referência a um indivíduo como Flautista, o FE 11 (Figura 8). As duas

flautas ósseas provenientes do sepultamento FE 87.16 foram encontradas em estado fragmentado, por consequência de sua reutilização em ocupações posteriores na Furna, segundo Lima (1985). A associação da presença do instrumento musical elaborado em material ósseo apenas aos indivíduos adultos pode indicar que tal atividade era mais provável entre os indivíduos mais experientes. Tal acompanhamento não é recorrente para os sepultamentos, o que pode nos remeter as características do indivíduo.

Figura 8: Desenho representando o sepultamento FE 11, “o flautista”. Seta indicando a disposição da flauta óssea no sepultamento.



Fonte: Acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da Universidade Católica de Pernambuco.

O sepultamento FE 45 configura-se como portador de elementos de representação individual e coletiva, confirmando a hipótese de que o contexto funerário abriga traços de representação inerentes ao grupo, como também as especificidades do indivíduo, sendo, portanto representações coletivas e individuais.

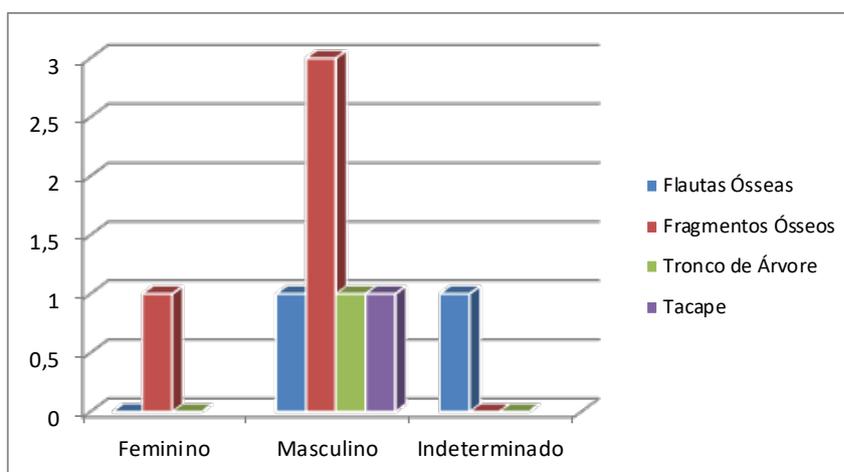
O sepultamento FE 11, do flautista, também confirma tal hipótese, visto que o mesmo possui elementos de recorrência individual, como a flauta óssea, e elementos de representação coletiva, as contas ósseas.

Observou-se nos instrumentos de madeira a existência de cortes para originar o formato desejado em toda superfície e nas extremidades; a única flauta óssea preservada

apresenta polimento na superfície, cortes, perfurações ao longo da superfície óssea, em uma das laterais, possuindo assim, técnicas semelhantes às de produção dos adornos.

A correlação entre sexo e tipo de acompanhamento funerário (Gráfico 7) nos indica a concentração de acompanhamentos nos indivíduos do sexo masculino, o que demonstra que tais representações individuais estão relacionadas, provavelmente, a atividades desenvolvidas por homens.

Gráfico 7: Relação entre sexo e acompanhamentos funerários, provenientes do sítio Furna do Estrago. Relação de tipo por indivíduo sepultamento



Em relação aos trançados, esteiras, e cordéis (Figuras 9A e 9B), são notados com recorrência nos sepultamentos da Furna do Estrago, muitas vezes associados à função de envoltórios funerários. Lima (2001) cita a identificação de quatro tipos distintos desses vestígios, porém não os descreve. As fichas de campo só possibilitaram uma identificação dos indivíduos que portavam esses acompanhamentos, alguns mencionando sua distribuição no sepultamento, outros só afirmando a presença.



A



B

Figura 9: A. Tipo de trançado proveniente do sítio Furna do Estrago; B. Fibra amarrada proveniente do sítio Furna do Estrago.

Este material não possibilitou o desenvolvimento de análises devido à fragilidade das fibras vegetais, que se encontra em um processo avançado de deterioração. Infelizmente a maior parte dos acompanhamentos desta natureza já foi parcialmente destruída, e os que ainda existem necessitam de um tratamento prévio, a fim de minimizar os danos ao material. A ausência de informações impossibilita assim a análise diante da relação de sexo e faixa etária, como foi realizado para os outros vestígios.

Objetiva-se, assim, observar a recorrência do uso de fibras trançadas nas sepulturas e a sua funcionalidade.

Tabela 2 – Fibras vegetais presentes em contexto funerário. Sítio Furna do Estrago

Sepultamento	Descrição das fibras vegetais
FE 1	Cova forrada por fibras vegetais, envolvimento no crânio
FE 2	Presença de palha
FE 3	Indivíduo envolvido em esteira e rede, amarrado por cordas e o crânio envolvido em palha
FE 5	Presença de palha na cova
FE 7	Vestígio de palha, presença de fibra vegetal com pele
FE 8	Envolvido em palhas grossas com fibras aderidas ao crânio
FE 11	Fibras vegetais forram a cova e cobrem os ossos das pernas
FE 12	Presença de palha
FE 13	Envolvido em esteira
FE 14	Cova forrada por fibras vegetais, presença de cabelos com resquícios de palha
FE 15	Forro de fibras vegetais. Presença de palha que cobre o esqueleto.
FE 19	Presença de palha aderindo ao crânio
FE 20	Presença de fibra vegetal forrando a cova.
FE 23	Palha envolvendo o esqueleto
FE 25	Presença de trançados no sepultamento.
FE 28	Cordas de caroá
FE 30	Presença de esteiras forrando a cova e envolvendo integralmente o esqueleto amarradas a fibras vegetais e cordéis
FE 33	Palha aderindo toda a cabeça, presença de cordas finas nos fêmures
FE 34	Esqueleto envolvido em fibra vegetal. Palha envolvendo as pernas e os braços.
FE 35	Esqueleto envolvido em fibra vegetal
FE 37	Fibra vegetal
FE 39	Envoltório de esteira
FE 40	Envoltório de esteira
FE 45	Presença de cordas de caroá, folhas secas
FE 47	Envolvido em fibras vegetais. Esteira envolvendo o

	esqueleto.
FE 48	Presença de palha.
FE 53	Forro de fibras vegetais na cova, palha grossa por cima do indivíduo.
FE 56	Cova forrada por fibra vegetal
FE 87.2	Presença de cestarias em fibras vegetais
FE 87.3	Esteira forrando a cova por cima e por baixo
FE 87.5	Esteira presente na área do crânio
FE 87.6	Esteira forrando a cova. Trançado sobre cabeça do indivíduo.
FE 87.7	Presença de palha sobre os ossos longos
FE 87.8	Esteira forrando a cova, sob a esteira um forro de palha
FE 87.11	Vestígios de Esteira
FE 87. 21	Vestígios de esteira

Os ecofatos também são recorrentes, e em geral estão dispostos para compor ou forrar a sepultura antes da acomodação do corpo. Nota-se que o uso das fibras vegetais frequentemente está associado ao forro da cova, sobretudo por esteiras e fibras vegetais, preparando o espaço para receber o indivíduo.

O único diferencial quanto ao material vegetal é a presença de folhas secas no sepultamento FE 45, onde foi identificada a ocorrência de um tronco de árvore como apoio da cabeça.

Como síntese geral, os resultados nos indicam a presença de elementos recorrentes, como a matéria prima óssea, empregada não apenas na elaboração dos adornos, mas de outros tipos de acompanhamentos (60%); as técnicas de tratamento de superfície e manufatura são inerentes a todos os tipos de acompanhamentos, com exceção das fibras trançadas, onde o polimento, o corte e a perfuração são os meios utilizados para se chegar ao objeto desejado; o acompanhamento funerário de maior recorrência é o colar de contas ósseas (60%), relacionadas à função ornamental, onde a morfologia cilíndrica é predominante (Figuras 10 A e 10B).

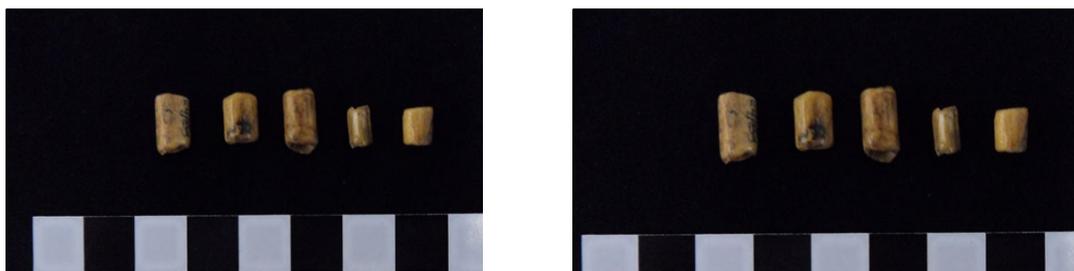


Figura 10: A. Contas ósseas cilíndricas provenientes do sepultamento FE 87.11, sítio Furna do Estrago; B. Contas ósseas cilíndricas provenientes do sepultamento FE 87.18, sítio Furna do Estrago.

Em relação aos trançados, esteiras, palhas e cordéis, são notados com recorrência entre os sepultamentos de todos os níveis da Furna do Estrago, muitas vezes associados à função de envoltórios funerários (55%). São considerados elementos de representação coletiva por estarem presentes em indivíduos de todas as faixas etárias e todos os sexos.

Os elementos não recorrentes podem nos remeter a atividades desenvolvidas pelo indivíduo, como a própria representação deste diante do grupo. São elencados para esta categoria as contas de amazonita (Figura 11A), pingentes ósseos (Figura 11B), as contas e pingentes de conchas (Figura 11C), o tacape, flautas ósseas, pingentes de silito argiloso, os fragmentos ósseos, contas de dentes de felinos, contas de sementes, tronco de árvore, o que podem nos retratar aspectos relativos à mobilidade do grupo, no quesito obtenção de matéria prima, sobretudo, as que não são encontradas na região, complexidade social, podendo alguns acompanhamentos estarem relacionados a status, diferenciação de sexo. Os resultados obtidos nos confirmam a potencialidade informativa dos acompanhamentos funerários.



Figura 11: A. Contas de Amazonita provenientes do sepultamento FE 5; B. Pingente ósseo proveniente do sepultamento FE 87.11; C. Pingente em concha proveniente do sepultamento FE 7, sítio Furna do Estrago.

Acompanhamentos Funerários como Marcadores Coletivos

Os acompanhamentos funerários, enquanto resquícios da cultura de determinado grupo, apresentam traços de representação impressos na materialidade, e podem nos fornecer dados sobre os aspectos sociais do mesmo, indicando inclusive o seu

desenvolvimento tecnológico. A percepção destes elementos é notada através da relação de semelhanças e diferenças, onde a semelhança indica recorrência, recaindo sobre aspectos coletivos, enquanto que as especificidades indicam representações individuais.

A recorrência foi observada diante dos aspectos técnicos, morfológicos e funcionais dos acompanhamentos em relação aos aspectos biológicos, sobretudo de determinação de idade e sexo, em associação aos sepultamentos provenientes da ocupação do sítio como cemitério.

O sítio Furna do Estrago remete a coletividade por ser um cemitério representativo de toda população, pois neste espaço foram sepultados pessoas de todas as idades e sexos, e, tal aspecto transmite a noção de unidade, continuidade e pertencimento, aspectos constituintes da memória. O espaço funerário é considerado um lugar de memória por ser um local que permite a rememoração e ali estão impressas as representações de um grupo.

Quanto às representações individuais, destaca-se o indivíduo FE 20, por estar acompanhado por duas flautas ósseas fragmentadas, no qual o mesmo tipo de acompanhamento só existe no sepultamento FE 11, conhecido pelo “flautista”. Tal tipo de acompanhamento é considerado um elemento não recorrente, por ser associado a apenas dois indivíduos, e totalizar em três objetos, e por isso, associa-se tal ocorrência como identificação da prática desenvolvida por esses indivíduos perante o grupo.

Outro fator são as contas de sementes, que acompanham apenas três indivíduos. Rodrigues (1997) segundo as suas análises quanto ao perfil dento-patológico, associa o surgimento deste tipo de adorno a um período de aumento populacional relacionado à presença de perda dentária decorrente da abrasão e das cáries, sugerindo decorrer de um complemento alimentar em horticultura, para suprir a demanda alimentar.

A proposta de Rodrigues (1997) pode ser confirmada quando observa-se o contexto funerário e percebe-se, apenas para esta fase, a presença de colares de contas de semente. São contas de sementes de pequi (*Caryocar coriaceum*), todos presentes no sepultamento FE87.8, e contas em sementes de gindiroba (*Fevillea trilobata*) presentes em dois sepultamentos. Os colares de contas de semente, embora só evidenciados em três sepultamentos (FE 8, FE 19 e FE 87.8) são pertencentes a dois indivíduos do sexo masculino e um feminino, não demarcando uma relação entre a escolha da matéria prima e o sexo; a escassez de adornos também levou Meneses (2006) a constatar tal impossibilidade. O surgimento dessas contas sugere à exploração de novos recursos



vegetais para a dieta do grupo. Porém, a presença em apenas três sepultamentos nos remete a uma representação individual.

Meneses (2006) sugere também a atribuição das sementes de gindiroba ao uso medicinal, no alívio de dores e faz associação desta funcionalidade, aos resultados dos estudos de paleopatologia que indicam que a população sepultada na Furna era acometida por artroses (LIMA, 2001). Consideram-se válidas ambas as propostas, levando em consideração que essas sementes podem indicar tais potencialidades.

Na categoria de adornos, a recorrência é para contas de matéria-prima óssea, em formato cilíndrico para todos os níveis, em alguns indivíduos associados a elementos não recorrentes (como tacapes, flautas ósseas, tronco de madeira) o que indica a intenção de materializar as características do grupo, a noção de pertencimento ao grupo, mesmo se distinguindo de outros indivíduos a partir de objetos mais específicos. É indicado como um elemento de representação coletiva, por estar presente em sepultamentos de todas as idades e sexo.

Contas e pingentes em conchas marinhas são associados por Lima (2001) a mobilidade do grupo. Não são considerados como elementos de representação coletiva, por não serem recorrentes em distribuição para uma quantidade significativa de sepultamentos.

As contas elaboradas sobre dentes de felinos, pingentes em siltito argiloso, pingente em osso humano, pingentes em conchas, são considerados como elementos de representação individual por não estarem relacionados a relações de sexo e/ou faixa etária, não sendo uma constante, existindo em pequeno número no contexto funerário.

As contas de amazonita aparecem associadas aos indivíduos do sexo masculino e dois de sexo indeterminado, que são recém-nascidos. Tais contas nos remetem a mobilidade do grupo, por não haver nas imediações da Furna áreas de captação deste mineral, como salienta Lima (2001), a presença deste mineral indica a continuidade de um manuseio por parte dos grupos de utilização do cemitério. Seu uso restrito a indivíduos masculinos sugere a possibilidade de desempenhar algum papel diferenciado, enquanto que os recém-nascidos podem indicar alguma relação de parentesco entre estes.

Em relação aos trançados, esteiras, palhas, cordéis, são notados com recorrência entre os sepultamentos de todos os níveis da Furna do Estrago, muitas vezes associados à função de envoltórios funerários. Sua função também é recorrente sendo em sua maioria utilizados como forro para as covas, amarrando o indivíduo na altura dos ossos longos,



cobrindo o indivíduo, bastante recorrente para a palha. Também se caracteriza por envolver todo o corpo do indivíduo. São considerados elementos de representação coletiva, apresentando em número expressivo de 60% dos indivíduos.

Os acompanhamentos funerários são representados proporcionalmente entre as faixas etárias, não sendo este um indicador de diferenças, que leve neste momento a inferências quanto a esta categoria. Quanto à técnica de confecção e tratamento percebe-se que, tanto os sepultamentos que comportam acompanhamentos funerários com traços de representações individuais (os que não têm recorrência), como também os que são considerados como elementos de uma representação coletiva, possuem os mesmos tipos de técnicas empregadas na elaboração dos diversos acompanhamentos, estando associados aos aspectos culturais do grupo, repassando as tradições e os modos de fazer. Foram identificados como aços, o polimento, os cortes e as perfurações.

Os resultados confirmam que as sepulturas que possuem acompanhamentos funerários são constituídas por elementos de representação coletiva e também individual. Ao mesmo tempo constituem uma identidade coletiva, pois estão presentes em sepultamentos do mesmo nível arqueológico, com técnicas de execução idênticas. Mas também caracteriza a individualidade do morto em relação ao local do corpo que está adornado, o tipo de objeto que compõe o acompanhamento funerário e a quantidade de presente no indivíduo.

Concluí-se que é relevante trazer à tona o potencial informativo dos acompanhamentos funerários, como elementos presentes e constituintes dos rituais funerários, pois possuem traços de representação coletiva e individual. No sítio Furna do Estrago os elementos identificados como marcadores coletivos foram os adornos de matéria prima óssea e os acompanhamentos confeccionados a partir de fibras vegetais, como as palhas e esteiras. Os mesmos encontram-se recorrentes em todos os indivíduos, e, em todas as idades.

Foi identificada também a presença de acompanhamentos específicos. Porém, em todos há a recorrência dos elementos coletivos, indicando que os indivíduos possuem acompanhamentos que os identificam dentro de seu grupo, fazendo menção ao pertencimento do mesmo, mas, acrescentando elementos particulares.



Referências

- AZEVEDO NETTO, C. X. Fragmentação da informação arqueológica no Estado da Paraíba: situação atual e perspectivas. In: AGUIAR, R. L. S. *et al.* (Org.). **Arqueologia, Etnologia e Etno-história em Iberoamérica: fronteiras, cosmologia, antropologia em ação**. Dourados: Editora da UFGD, 2010, pp. 319–352.
- CANTO, A. C. **Caracterização geoarqueológica e paleoambiental do sítio Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, PE/ Brasil**. 201f. Dissertação (Mestrado em Geociências) – Pós Graduação em Geociências, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.
- CARDOSO, C. E. **Animais associados aos sepultamentos humanos nos estados do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Sergipe sob uma óptica zooarqueológica**. 100 f. Monografia (Bacharelado em Arqueologia), Núcleo de Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, 2012.
- CARVALHO, O. A. **Análise das anomalias de desenvolvimento na população pré-histórica do sítio Furna do Estrago, Pernambuco, Brasil**. 114f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1995.
- CARVALHO, O. A. Espodilólise e variações morfológicas congênitas identificadas na população pré-histórica da Furna do Estrago, Pernambuco. **Symposium**, Recife, vol. 34, n.2, pp. 180 – 195, jul./dez. 1992.
- CARVALHO, O. A.; QUEIROZ, A. N.; MORAES, F. A. A. Diagnóstico diferencial entre fatores tafonômicos, anomalias de desenvolvimento, e casos patológicos nos crânios exumados do sítio Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil. **Canindé**, Aracaju, n. 10, pp. 27 – 49, dez. 2007.
- CASTRO, V. M. C. de. **Marcadores de Identidades Coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil**. 309 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- CISNEIROS, D. **Práticas funerárias na Pré-História do Nordeste do Brasil**. 161 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.
- CRUZ, P. S. **Ritual Funerário do Sítio São José II e o acompanhamento das sepulturas, Delmiro Gouveia, Alagoas**. 58 f. Monografia (Bacharelado em Arqueologia), Núcleo de Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, 2012.
- DUARTE, A. **Estudo paleoparasitológico em cropólitos do sítio arqueológico Furna do Estrago, município do Brejo da Madre de Deus, Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.
- GOMES, G. C. **Entre fibras e tranças, a morte descansa: morte, ritual e fibras trançadas como indicadores culturais em sepultamentos indígenas**. 117 f. Monografia (Bacharelado



em Arqueologia e Conservação da Arte Rupestre) – Centro de Ciências da Natureza, Universidade Federal do Piauí, 2012.

GUIDON, N.; PESSIS, A-M; MARTIN, G. Linha de Pesquisa: O povoamento pré-histórico do Nordeste do Brasil. **Clio**, Recife, v.1, n.6, pp. 123 – 126, 1990.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidoun. São Paulo: Centauro, 2006.

LIMA, D. V. R. de. **Sobre morte e gênero**: Uma análise dos papéis de gênero no contexto funerário dos sítios Justino – SE e Furna do Estrago – PE. 194 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

LIMA, J. M. D. de. **Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus – Pernambuco**. 143 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) – Pós Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1985a.

LIMA, J. M. D. de. **El sitio arqueológico Furna do Estrago – Brasil**: En una perspectiva antropológica y social. Tesis (Doctorado em Antropología) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México, México, 2001.

LIMA, J. M. D. de.. Estudos Zôo e Fitoarqueológicos em Pernambuco. **Symposium**, Recife, vol. 34, n. 2, pp. 146 – 179, jul./dez. 1992.

MARTIN, G. Os Rituais Funerários na Pré-História do Nordeste. **Clio**, Recife, n. 10, p.29-46, 1994 (Série Arqueológica).

MARTIN, G. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. 5 ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008.

MELLO e ALVIM, M. C.; MENDONÇA de SOUZA, S. Os esqueletos humanos da Furna do Estrago – Pernambuco, Brasil – Nota prévia. **Arquivos do Museu de História Natural**, Belo Horizonte, v. 8-9, p. 349 – 363, 1983 – 1984.

MENDONÇA de SOUZA, S. **Estresse, doença e adaptabilidade: estudo comparativo de dois grupos pré-históricos em perspectiva biocultural**. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1995.

MENDONÇA de SOUZA, S.; MELLO e ALVIM, M. C. A população pré-histórica da Furna do Estrago: adaptação humana ao Agreste Pernambucano. **Symposium**, Recife, vol. 34, n. 2, pp. 123 – 145, jul./dez. 1992.

MENEZES, A. V. A. **Estudo dos macro-restos vegetais do sítio arqueológico Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil**. 100f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Programa de Pós Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

MONTARDO, D. L. O. **Práticas Funerárias das populações pré-coloniais e suas evidências arqueológicas**. 113 f. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

MORIN, E. **O Homem e a Morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. 354p.



O'SHEA, J. **Mortuary Variability: an archaeological investigation**. New York: Academic Press, 1984. (Studies in Archaeology).

QUEIROZ, A. N. **Fauna Reptilia do Brejo da Madre de Deus - Pernambuco – Sítio Arqueológico Furna do Estrago**. 118f. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1994.

RODRIGUES, C. D. **Perfil dento-patológico nos remanescentes esqueléticos de dois sítios pré-históricos brasileiros: o cemitério Furna do Estrago (PE) e o sambaqui de Cabeçuda (SC)**. 99f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1997.

SANTOS, G. C. **Estudo tafonômico da arqueofauna reptiliana do sítio Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil**. 72f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

SILVA, J. A. **Diversidade de adornos encontrados nos sepultamentos do sítio Justino e a sua relação com a Arqueotanatologia**. 91f. Monografia (Bacharelado em Arqueologia), Núcleo de Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe, 2010.

SILVA, J. A.; CARVALHO, O. A. de; QUEIROZ, A. N. de. A cultura material associada a sepultamentos no Brasil: Arqueologia dos Adornos. **Clio Arqueológica**, v. 29, n. 1, pp 45 – 82, 2014.

SILVA, S. F. S. M. da. **Arqueologia Funerária: Corpo, cultura e sociedade**. Ensaio sobre a interdisciplinaridade arqueológica no estudo das práticas mortuárias. Recife: PROEXT-UFPE & Ed. Universitária da UFPE, 2014.

SILVA, S. F. S. M. da. Terminologias e Classificações usadas para descrever sepultamentos humanos: Exemplos e Sugestões. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 15/16, pp 113–138, 2005/2006.

VAN GENNEP, A. **Os Ritos de Passagem**. Tradução de Mariano Ferreira. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

ⁱ Aqui se adotou o termo acompanhamento funerários, para os elementos da cultura material que acompanham o corpo de indivíduos nas práticas funerárias. Podem-se referir a esses mesmos elementos com outras terminologias, tais como: mobiliário funerário, enxoval funerário, materiais associados, acompanhamentos funerários, fardo funerário, entre outros.

ⁱⁱ As pesquisas arqueológicas realizadas neste sítio ocorreram durante os anos de 1982, 1983, 1987, 1994 e 1996 através de breves campanhas arqueológicas. Essas campanhas foram responsáveis pela escavação de 15 m² da área coberta, restando ainda 76 m² disponíveis para futuras intervenções arqueológicas.

ⁱⁱⁱ Os ritos são compreendidos aqui como ações ou sistemas de ações em que há um predomínio do sistema simbólico.

